

REVISTA DE ESTUDOS LUSÓFONOS

PENSARDIVERSO

novembro 2019



insularidades



pensardiverso

Proprietário/Editor

Universidade da Madeira

NIF

680041982

Sede da Redacção

Universidade da Madeira

Colégio dos Jesuítas

Rua dos Ferreiros

9000-082 Funchal

Madeira Portugal

pensardiverso@uma.pt

Design

Susana Gonzaga

Periodicidade

Anual

Edição: Novembro 2019

Tiragem

500 exemplares

Impressão

Gráfica ACDPRINT

Rua Marquesa de Alorna,

12 A, Bons Dias

2620-271 Odivelas

Anotada na ERC

Depósito Legal

298194/09

ISSN

1647-3965

Estatuto Editorial

<http://links.uma.pt/docs/pensardiverso/estatuto.editorial.pdf>

Direcção Científica

Celina Martins

Conselho Editorial

Aline Bazenga

Dominique Castanheira da Costa

Naídea Nunes Nunes

Odete Jubilado

Celina Martins

Comissão Científica

Aline Bazenga (Universidade da Madeira)

Ana Isabel Moniz (Universidade da Madeira)

Cristina Robalo Cordeiro (Universidade de Coimbra)

Fernando Cristóvão (Universidade de Lisboa)

Kelly Basílio (Universidade de Lisboa)

Leonor Coelho (Universidade da Madeira)

Manuel Frias Martins (Universidade de Lisboa)

Margarida Pocinho (Universidade da Madeira)

Maria Antónia Mota (Universidade de Lisboa)

Maria Celeste Augusto (Universidade de Utrecht)

Nelson Veríssimo (Universidade da Madeira)

Neusa Bastos (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Paulo Miguel Rodrigues (Universidade da Madeira)

Rita Godet (Universidade de Rennes)

Vitor Magalhães (Universidade da Madeira)

**Neste número, colaboram também
como avaliadores *blind peer review***

Jane Tutikian (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Confabulações, de John Berger

Relógio D'Água, Lisboa, 2018

Vítor Manuel Ornelas Magalhães

Universidade da Madeira

Centro de Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira - CIERL

vmagal@staff.uma.pt

If I'm a storyteller it's because I listen

(Berger, 2016b)

Esta publicação integra os últimos escritos por John Berger (falecido em 2017, aos 90 anos), onze textos breves vertidos para português pela veterana Relógio D'Água. Estão previstas outras publicações do mesmo autor por esta editora e pela Antígona¹

As ideias e a visão de Berger, muito ligadas à Nova Esquerda emergente na década de 60, geraram diversas polémicas. Primeiro com a publicação de *Ways of Seeing*, em 1971 (*Modos de Ver*, na tradução portuguesa de 1982), e, depois, na série homónima produzida pela BBC, onde Berger desconstrói por completo os modos de perceção da obra de arte enquanto imagem (de alguém ou de alguma coisa, real, imaginada ou simbolizada) e da imagem enquanto objeto (a ser contemplado, experienciado, analisado, tocado, ou até vandalizado).

Aos poucos minutos do início do primeiro episódio da referida série, Berger surge

¹ Em 2018 foram publicados os seguintes títulos: *Para o Casamento* (Relógio D'Água, romance), *Entretanto* (Antígona, ensaio). Também saiu, em 2018, uma nova edição (desta vez pela editora Antígona) de *Modos de ver*.

a rasgar, literalmente, a superfície de tela² de *Marte e Vénus*, pintura renascentista de Sandro Boticcelli de 1483 (coleção da National Gallery, em Londres). Evidentemente, tratava-se de uma cópia, mas o que contou foi, sobretudo, o ato declarado de destruir uma obra de arte e o pretexto para expor os conceitos de original e cópia numa cultura visual cada vez mais reprodutível. A presença de Walter Benjamin faz-se sentir, claramente, em todo o texto através, sobretudo, da *Obra de arte na época da sua possibilidade de reprodução técnica*, obra importante na qual este escritor alemão refletia sobre os efeitos dos meios de reprodução técnica de conteúdos simbólicos nas sociedades industriais do início do século XX³. Com Benjamin, Berger partilha igualmente a forma aberta, deslaçada, das barreiras de género ou de formato, reunindo, no virar de poucas páginas, uma singular constelação de referências, situações e pontos de vista. Por outro lado, *Ways of Seeing* acabou por ser uma desmistificação de outra série famosa, embora demasiado convencional (dando especial ênfase aos valores heróicos e classicistas da arte), do conhecido historiador de arte inglês Kenneth Clark, igualmente produzida pela BBC, em 1969, intitulada *Civilisation*. O que Berger consegue em *Ways of Seeing*, e que faz com que esta obra resista aos tempos é, precisamente, uma enorme capacidade de comunicação, de interpelar o espectador de forma inteligente, séria, mas ao mesmo tempo com humor, centrando o mecanismo interpretativo da arte e das imagens no próprio espectador. Foi desta forma que John Berger encontrou o seu caminho no mundo da arte, sem receio a escancarar certas portas para a reflexão empenhada e a crítica lúcida. Confrontando-se com problemáticas espinhosas ao pensar a arte através dos seus dispositivos e descerrar os diversos modos de receção do objeto artístico. Mas Berger também ficou conhecido pela sua produção literária (ficção e dramaturgia), de pendor social e político. Lembremos o romance *G*, que o fez ganhar o prestigiado prémio Booker Prize, em 1972, doando metade da quantia pecuniária (2,500 libras) aos London Black Panthers. Interessa referir, por outro lado, os projetos que Berger organizou

² Este ato remete, inevitavelmente, para a obra do artista argentino-italiano Lucio Fontana que, na segunda metade do século XX, provocou a instituição arte com gesto herético ao abrir a tela, através de cortes, para o espaço físico, desvirtuando a habitual bidimensionalidade da pintura enquanto lugar de representação ilusório.

³ Ver a excelente tradução deste texto em Barrento, João, 2006, *A Modernidade*, Lisboa, Assírio & Alvim, pp. 207-241.

com fotógrafos, articulando as duas linguagens, escrita e visual. A *Seventh Man*⁴ é um dos projetos que desenvolveu em conjunto com o fotógrafo inglês Jean Mohr, retrato do duro trabalho destinado aos migrantes em solo europeu, associando, habilmente, imagem e texto na esteira dos célebres foto-livros⁵, esses objetos preciosos que hoje museus e particulares de todo o mundo compram ansiosamente. Dos vários registos em vídeo que podemos encontrar no canal *online Youtube* (*Ways of Seeing* em vídeo, na íntegra, é um deles) é de destacar o belíssimo diálogo entre Berger e outro marcante vulto da cultura contemporânea: Susan Sontag⁶. Um momento televisivo raro, de troca de ideias e de modos de pensar, num formato que, hoje, passaria totalmente despercebido. Berger e Sontag falam da misteriosa e apaixonante arte de contar histórias (*storytelling*), do ponto de vista de quem e como as conta, considerando as diferentes expectativas dos leitores. Em todos estes âmbitos, Berger destaca-se pela perspicuidade e pelo espírito livre-pensador, alguém que conheceu de perto a dureza do trabalho (viveu durante 40 anos numa província dos Alpes franceses, afastado do burburinho superficial das grandes cidades), com uma cultura muito ampla que abraçava, de forma sempre arrebatadora, inúmeros interesses: da história à arte, da literatura à dança, da música ao teatro, da política ao quotidiano. Uma questão fundamental para compreender Berger é a importância do desenho, atividade que o acompanhou durante toda a vida, e o papel que ele ocupa no processo de construção do pensamento. Em *Confabulações*, como em outros livros, o desenho marca a habitual e subtil presença. Estes registos gráficos não pretendem ser ilustrações do texto, mais que isso são apontamentos icónicos paralelos às reflexões do autor, com vida própria. Por vezes dialogam com outras imagens: uma flor desenhada lado a lado com uma fotografia de Tato Olivas de uma bailarina de flamenco (Berger, 2018: 87); as características extasiadas das mãos de nossa senhora na *Anunciação* de Antonello da Messina (Berger, 2018:

4 Este texto irá ser traduzido em 2019 para língua portuguesa pela editora Antígona.

5 Algumas das publicações que têm vindo a divulgar e evidenciar a importância dos foto-livros são: *Fotografia pública: Photography in Print 1919-1939*, catálogo da exposição organizada por Horácio Fernández no Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid, em 1999; *The Photobook: A History*, editado por Martin Parr e Gerry Badger pela Phaidon Press (London/New York), em três volumes: 2004, 2006, e 2014; *Japanese Photobooks of the 1960s and '70s*, organizado por Ryuichi Kaneko e Uvan Vartanian (Aperture, 2009); ou *El Fotolibro latino-americano*, organizado por Horácio Fernández, (Editorial RM: México/Barcelona: 2011), também como exposição itinerante.

6 Programa *Voices*, para o Channel Four, em 1983.

81); outras vezes são pequenos retratos de pessoas (Rosa Luxemburgo; Charlot; Michael Quanne), funcionando como mnemo-desenhos. Todavia, nunca nos fazem desviar do texto, pelo contrário, asseguram-se que voltemos a ele depois de passarmos pelos traços expostos ao imprescindível e pelas delicadas manchas de cor em aguarela. Talvez por essa razão, o desenho sustenta um tom autoreferente e autobiográfico, como uma espécie de diário-ensaio. O primeiro, brevíssimo, texto deste livro intitula-se, precisamente, “Autorretrato” e nele Berger diz-nos que a escrita “ajuda [sic] a dar sentido às coisas e a continuar” (Berger, 2018: 11), uma atividade fulcral para dar voz a quem não a tem, para dizer o que é preciso ser dito. A escrita é, então, uma sucessão de confabulações, cada parágrafo uma valiosa oportunidade de seguir em frente, de resistir, com plena consciência de que novos diálogos, consigo mesmo ou com outros interlocutores, irão surgir. Os diversos textos que fazem parte desta publicação, sejam sobre artes plásticas, sobre o labor de escrever, sobre pessoas, acontecimentos ou manifestando preocupação sobre a atualidade do mundo, entrelaçam olhares e libertam espaço para a ação crítica do pensamento. Deste modo, requerem despertar imagens vividas no leitor, mesmo quando Berger se reporta a alguém que não conheceu, caso de “Uma prenda para Rosa”, sobre Rosa Luxemburgo⁷ (embora nunca mencione o seu apelido), a quem dirige uma carta repleta de subtileza e intimidade. *Confabulações* reúne, assim, o que de melhor podemos esperar deste autor: uma prosa notável, diáfana, ora descobrindo a essência das coisas do mundo, ora tocando diretamente nas feridas abertas pelas sociedades humanas. Uma excelente oportunidade para conhecer ou reler, em língua portuguesa, um autor indispensável que soube, como poucos, compreender o poder das imagens e as suas histórias. Modos de ver sempre atuais em sintonia com o espírito dos tempos e com os olhos postos tanto no alcance dos gestos humanos como na escolha dos critérios de produção simbólica.

7 “Uma prenda para Rosa” faz parte de outra publicação, em língua inglesa, a cuidada recolha de textos sobre arte intitulada *Landscapes. John Berger on Art* (Verso, 2016), ano de edição de *Confabulations* e no ano anterior à morte do autor. Organizada por Tom Overton, esta edição dá sequência a um primeiro volume, uma recolha de textos dedicados a artistas: *Portraits. John Berger on Art* (2015).

BIBLIOGRAFIA

Berger, John, 2018, *Confabulações*, Lisboa, Relógio D'Água.

Berger, John, 2016a, *Landscapes. John Berger on Art*, London, New York, Verso.

Berger, John, 2016b, Entrevista por Kate Kellaway in *The Observer*, 30 de outubro, in <https://www.theguardian.com/books/2016/oct/30/john-berger-at-90-interview-storyteller> (consultado em 12 de dezembro de 2018).

Berger, John, 2003, *Sobre o Olhar*, Amadora, Editorial Gustavo Gili, SA.

Berger, John, 1982, *Modos de Ver*, Lisboa, Edições 70.

*Agradecimento especial à Câmara Municipal do Funchal
e ao Teatro Baltazar Dias pelo apoio à elaboração
desta edição.*